

A PSICANÁLISE ENTRE HERANÇA E SUBVERSÃO

PSYCHOANALYSIS BETWEEN INHERITANCE AND SUBVERSION

EL PSICOANÁLISIS ENTRE HERENCIA Y SUBVERSIÓN

Andréa B. C. Mongeló¹

LIVRO: RUMO A UMA PSICANÁLISE EMANCIPADA: REATAR COM A SUBVERSÃO

AUTORA: LAURIE LAUFER

PORTO ALEGRE: EDITORA CRIAÇÃO HUMANA, 2025. 200 P.

Resumo: Esta resenha analisa o livro *Rumo a uma psicanálise emancipada: reatar com a subversão*, de Laurie Laufer, destacando sua defesa da subversão como princípio ético e metodológico da psicanálise. A autora propõe um retorno às forças críticas presentes na origem do método freudiano, especialmente à inversão de posições inaugurada nos *Estudos sobre a histeria*, quando a fala do paciente passa a produzir saber. A partir de textos freudianos sobre a sexualidade, Laufer questiona os efeitos normativos cristalizados na teoria e na clínica. A resenha sustenta que reatar com a subversão implica também reconhecer a dimensão política da escuta, incluindo as interpelações contemporâneas colocadas pelas experiências de sujeitos marginalizados, que convocam a psicanálise a rever seus pressupostos de neutralidade e universalidade.

Palavras-chave: Psicanálise. Subversão. Escuta. Sexualidade. Questão racial.

Abstract: This review analyzes Laurie Laufer's book Emancipated psychoanalysis: reconnecting with subversion, highlighting her defense of subversion as an ethical and methodological principle of psychoanalysis. The author calls for a return to the critical forces present at the origins of the Freudian method, particularly the inversion of positions introduced in Studies on hysteria, in which the patient's speech becomes a source of knowledge. Drawing on Freudian texts on sexuality, Laufer questions the normative effects that have become crystallized in psychoanalytic theory and clinical practice. The review argues that reconnecting with subversion also entails acknowledging the political dimension of listening, including contemporary challenges raised by marginalized subjects, which call psychoanalysis to reconsider its assumptions of neutrality and universality.

Keywords: Psychoanalysis. Subversion. Listening. Sexuality. Racial issues.

Resumen: Esta reseña analiza el libro Por un psicoanálisis emancipado. Reanudar la subversión, de Laurie Laufer, destacando su defensa de la subversión como principio ético y metodológico del psicoanálisis. La autora propone un retorno a las fuerzas críticas presentes en el origen del método freudiano, en particular a la inversión de posiciones inaugurada en Estudios sobre la histeria, cuando la palabra del paciente pasa a producir saber. A partir de los textos freudianos sobre la sexualidad, Laufer cuestiona los efectos normativos cristalizados en la teoría y en la práctica clínica. La reseña sostiene que reanudar la subversión implica también reconocer la dimensión política de la escucha, incluyendo las interpelaciones contemporáneas planteadas por sujetos marginados, que convocan al psicoanálisis a revisar sus supuestos de neutralidad y universalidad.

Palabras clave: Psicoanálisis. Subversión. Escucha. Sexualidad. Cuestión racial.

¹ Psicanalista, membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG), membro do Instituto Psicanalítico de Passo Fundo (IPPF). Organizadora com Pedro Mandelli do livro *Psicanálise & Democracia* (2023) e *Psicanálise & Democracia*, Vol. 2 (2025). ORCID: 0000-0003-3510-9383.
Email: abcmongelo@gmail.com

Em *Psicanálise emancipada: reatando com a subversão*, Laurie Laufer propõe recolocar a psicanálise em contato com aquilo que, desde sua origem, a fez existir como prática clínica e por que não dizer, crítica. Longe de apresentar uma leitura nostálgica de Freud, a autora sustenta que a psicanálise só permanece viva quando aceita ser atravessada pela subversão — não como imposição, mas como método, ética e política da escuta. Em tempos de crescente normatização das práticas clínicas e de fechamento institucional, Laufer aposta na reativação da dimensão inquietante que marcou o nascimento da psicanálise.

Ao retornar aos inícios do método, a autora destaca um deslocamento fundamental ocorrido nos *Estudos sobre a histeria*: o momento em que Freud aceita suspender a posição de saber médico para escutar o que suas pacientes tinham a dizer. No trecho retomado por Laufer, o gesto de Freud diante de Emmy von N. não é apenas técnico, mas ético. Ao abandonar a pergunta causal (“de onde vem isso?”) em favor do discurso da paciente, inaugura-se uma inversão de posições: o saber não precede a fala, mas surge dela. A psicanálise nasce, assim, quando aqueles considerados “doentes”, se colocam a falar e são escutados, passando assim, a ser reconhecidos como produtores de saber sobre sua própria experiência.

Laufer insiste que esse gesto não pode ser reduzido a um episódio histórico, que marca o nascimento da psicanálise. Ele define uma posição clínica que precisa ser continuamente retomada. As mulheres diagnosticadas como histéricas, forçaram a criação de um método que contrariava as hierarquias médicas e científicas de seu tempo. É nesse sentido que a autora fala em subversão: a psicanálise se funda quando se deixa afetar pelo discurso de sujeitos situados em posições de exclusão.

Essa leitura também se articula com às formulações freudianas sobre a sexualidade. Ao retomar os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Laufer relembra que Freud produziu uma ruptura radical ao afirmar a sexualidade infantil e sua dimensão polimorfa. A sexualidade, longe de ser organizada segundo uma norma biológica ou moral, aparece como campo de conflitos, desvios e invenções. Essa concepção não apenas escandalizou o pensamento médico de sua época, como continua produzindo efeitos incômodos até hoje.

Textos como *Teorias sexuais infantis* e *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* reforçam essa posição ao revelar o esforço freudiano de escutar experiências que escapavam aos modelos normativos de gênero e sexualidade. Ainda que atravessados por contradições próprias de seu tempo, esses escritos sustentam uma aposta fundamental: a psicanálise não existe para corrigir o desejo, mas para escutá-lo em sua singularidade. Laufer se apoia nessa herança para afirmar que qualquer tentativa de normatização clínica representa um empobrecimento do campo.

É nesse ponto que a autora explicita um de seus principais eixos teóricos, ao apoiar-se na provocação formulada por Jean Allouch feita em 1998 e retomada em 2015, segundo a qual a psicanálise, para permanecer viva, precisa confrontar-se com a herança foucaultiana. Laufer mostra como Michel Foucault não foi apenas um crítico da psicanálise, mas um interlocutor decisivo, ao evidenciar os dispositivos de poder que atravessam os saberes sobre o corpo, o desejo e a sexualidade. Sua leitura contribuiu para desnaturalizar categorias clínicas e para expor os riscos de uma psicanálise capturada por funções disciplinares, mais comprometida com a regulação das condutas do que com a escuta do sujeito.

Laufer reconhece em Foucault — assim como em Lacan — uma força de desconstrução das normas de sua época, e sustenta uma clínica que não se orienta por modelos universais, mas pela singularidade do caso a caso, sem perder de vista sua inscrição histórica. Essa articulação reforça a dimensão ética da transferência e recoloca a prática analítica como espaço crítico, atento às formas contemporâneas de normalização que atravessam tanto a sociedade quanto as instituições analíticas.

Após esse diálogo com Foucault, Laufer amplia sua crítica ao colocar a psicanálise em interlocução direta com pensadoras feministas e com as teorias queer, como Luce Irigaray, Monique Wittig e Judith Butler, entre outras. A autora mostra como essas produções vêm há décadas questionando as normas de gênero e sexualidade que muitas vezes atravessam a psicanálise de forma silenciosa. Longe de tratar essas críticas como externas ou incompatíveis com a psicanálise, Laufer as toma como provocações necessárias, capazes de expor os limites de categorias rígidas e de modelos universais de subjetividade. Ao escutar essas vozes, a psicanálise é convocada a seguir o pensamento de Foucault revendo conceitos, abrindo espaço para uma clínica mais sensível à pluralidade dos modos de viver, desejar e se nomear no mundo contemporâneo.

É nesse ponto que esta resenha propõe um enlace com a questão racial, em consonância com o espírito do livro. Se a psicanálise nasceu ao permitir que mulheres históricas produzissem saber a partir de sua fala, hoje ela é convocada a reconhecer que sujeitos racializados também vêm produzindo saber sobre sofrimento, desejo e laço social a partir de experiências historicamente silenciadas. Assim como as pacientes de Freud interromperam o discurso médico, vozes marginalizadas vêm tensionando os limites de uma psicanálise que, por muito tempo, se pensou universal sem interrogar seus pressupostos racializados.

Reatar com a subversão quanto ao tema das racialidades implica, portanto, reconhecer que o inconsciente não é neutro e que as marcas do racismo atravessam tanto os sujeitos, quanto as instituições. A psicanálise emancipada que Laufer propõe, não se limita a incluir novos temas, mas exige uma revisão das posições de saber e poder no próprio campo. Escutar a produção discursiva de sujeitos marginalizados como fonte legítima de elaboração psicanalítica, constitui um desdobramento coerente com a cena inaugural da psicanálise.

Outro aspecto importante do livro é o lugar do humor, tratado por Laufer como operador clínico e político. O humor, tal como Freud já indicava, funciona como forma de deslocamento simbólico, permitindo ao sujeito escapar momentaneamente das amarras do supereu. Na leitura da autora, o humor também opera como gesto de desobediência: ele desestabiliza posições rígidas, desmonta a autoridade excessiva e preserva a dimensão lúdica do pensamento. Em tempos de endurecimento dos discursos, o humor aparece como aliado da subversão, e em várias passagens da obra é possível testemunhar que a autora faz uso desse recurso de maneira muito apropriada. Seguindo a tradição freudiana do uso do humor, não como forma de diminuir o rigor teórico, mas como um movimento para favorecer a crítica e a reflexão. Usando-o como forma de mobilizar e provocar desacomodação e reinvenção, mantendo a teoria aberta e sensível à complexidade das experiências contemporâneas.

Ao longo de *Psicanálise emancipada*, Laurie Laufer constrói um argumento consistente: a psicanálise só se mantém fiel a si mesma quando aceita ser transformada pelas vozes dos que historicamente ficaram à margem. Reatar com a subversão não significa abandonar a teoria, mas reinscrevê-la no movimento vivo da clínica e da história. Ao recuperar a força crítica das origens freudianas e articulá-la às questões contemporâneas, Laufer oferece uma contribuição relevante para pensar uma psicanálise que não se fecha sobre suas certezas, mas se arrisca a escutar vozes até então marginalizadas.

Artigo recebido: 12 de janeiro de 2026

Artigo aceito: 19 de janeiro de 2026